

Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 1, Número 1, Jul. 2012

ENVEREDANDO: EXPERIÊNCIA E MEMÓRIA ATRAVÉS DO CONTAR DO GRANDE SERTÃO



BACKLANDS: EXPERIENCE AND MEMORY THROUGH THE TELLING OF GRANDE SERTÃO

Renata Codeço DIAS (UFF)

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA
RECEBIDO EM 25/06/2012 • APROVADO EM 24/07/2012

Resumo

Resumo: O artigo apresenta breve análise do efeito da narrativa em Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa (1965), como uma obra de pensamento sobre a memória e a construção da experiência através do contar. A noção de experiência que advém da leitura da obra é comparada ao que Walter Benjamin (1987) conceituou como a narração da experiência coletiva (*Erfahrung*), que parece colocar em movimento a memória impessoal e criativa, subsumindo a concepção de sujeito moderno, cuja experiência pessoal e psicológica está em jogo, e de comunicação interpessoal. Assim, Guimarães Rosa, através da narrativa do personagem Riobaldo, torna o contar um fenômeno de abertura e criação de mundos, em um contexto contemporâneo de declínio da importância da oralidade e da história viva, e do encerramento da experiência enquanto individualidade.

Abstract

The article presents a brief analysis of the narrative effects of the book *Grande Sertão: Veredas*, by Guimarães Rosa (translated as *The Devil to Pay in the Backlands*, by James L. Taylor e Harriet de Onís. New York: Knopf, 1963), as a work of thought about memory and construction of experience through telling. The notion of experience that comes from reading the work is compared to what Walter Benjamin conceptualized as a narrative of collective experience (*Erfahrung*), which seems to set in motion the impersonal and creative memory, subsuming the concept of the modern subject, whose personal and psychological experience is at stake, as is his interpersonal communication. Thus, Rosa, through the narrative character Riobaldo, makes of the telling a phenomenon of worlds opening and creation, in a contemporary context of declining importance of oral and living history, and the closure of experience as individuality.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: experiência, narrativa, memória.

KEYWORDS: narrative, experience, memory, oral telling, subject, contemporary

PESSOAS: James L. Taylor. Harriet de Onís.

OBRAS: Grande Sertão: Veredas. The Devil to Pay in the Backlands

Texto integral

Grande Sertão: Terceira Margem da Experiência

Quando entrei em contato com a obra de Guimarães Rosa durante o curso de graduação de Psicologia na Universidade Federal Fluminense, em especial com o livro *Grande Sertão: Veredas*, várias questões foram suscitadas a partir da leitura; questões relacionadas ao contar, à memória e à transmissibilidade da experiência. O que está envolvido na experiência de ouvir e contar uma história? Se, para W. Benjamin (1987), os grandes narradores souberam imortalizar seus relatos através de uma estética possibilitadora da transmissibilidade de uma certa experiência, Guimarães Rosa (1965) parece se ater pormenorizadamente a esta questão, que pertence a um campo híbrido em que podem conversar a Psicologia (em especial, as questões da narratividade na clínica) e a Literatura. Desta forma, vemos em *Grande Sertão: Veredas* (1965), uma obra sobre a experiência — sobre os afetos e os problemas que a vida nos coloca—, vinculada ao contar e à memória. Mas algo de muito inabitual é suscitado, através da

experimentação de ler/ouvir a narrativa discorrida por Riobaldo; a narração parece, do ponto de vista aqui apresentado, estar para além da história de um personagem. É como se fôssemos imersos em um campo de onde podemos vislumbrar paisagens. Em *Grande Sertão: Veredas* (1965), somos imersos na experiência comum: não se trata de uma experiência individual, nem coletiva, mas esfera comum de sentido, de memória, onde somos convidados a “sertanejar”, a “anoitecer”, a “deamar”.

Portanto, o problema que envolveu minha pesquisa de mestrado, e que é apresentada neste artigo, surge simultaneamente com as leituras de W. Benjamin (1987) e de *Grande Sertão: Veredas* (1965). Isto fez com que, no primeiro momento, tentasse pensar esta noção de experiência, assim como a *Erfahrung* (experiência coletiva) descrita por Benjamin: o *Grande Sertão* tornaria, neste sentido, a experiência algo *de todos*.

Dessa forma, recorreremos a W. Benjamin (1987, p.192), na medida em fala dos grandes narradores, como se esses fossem artistas em tornar coletiva e transmissível uma experiência que, historicamente, teria perdido sua riqueza ao tornar-se referente a um sujeito, individualizada. Em meio à individualização da experiência, a perda de seu caráter coletivo teria tornado impossível o contar; encerradas nas vivências individuais de cada um, as lembranças e os afetos teriam perdido o caráter coletivo que a literatura poderia, de certa forma, resgatar.

Porém, ao tentar iniciar a pesquisa de modo a explicitar a experiência coletiva (*Erfahrung*), descrita por Benjamin (1987) e supostamente posta em ação em *Grande Sertão*, somos surpreendidos por um estranhamento. Pois a experiência que surge a partir da leitura do livro ultrapassa a dualidade entre *Erfahrung* (experiência coletiva) e *Erlebnis* (experiência individual). Apesar de partir do mesmo problema, a obra de Rosa parece nos encaminhar a outra direção, e é assim que ela se torna, para nós, não apenas uma obra literária, mas uma obra de pensamento.

Imersos em uma experiência através da leitura de *Grande Sertão*, nos sentimos intrigados a cerca das suas condições de possibilidade, e somos invadidos por problemas que a obra, enquanto pensamento, nos coloca. Problemas sobre o que é o sentir, o contar, o que é viver, o que é lembrar, o que é a experiência. Assim, percebemos que as condições desta experiência não estão no interior nem no exterior, pois a experiência não habita um lugar, nem um corpo, individual ou coletivo; ela é, em si mesma, campo comum, terceira margem, campo de experimentação de onde advém o particular e o geral, o subjetivo e o plural.

Grande Sertão: Veredas, Experiência e Memória

Seguindo nesta linha de pensamento, perguntamos: que memória encontramos nos trechos do *Grande Sertão*? E, que experiência se propõe (re)constituir, se é que podemos dizer que é à reconstituição a que ela se enreda? A memória de Riobaldo?

Ao afirmarmos a perda da experiência, conforme o diagnóstico benjaminiano (BENJAMIN, W. In ADORNO, 2000), a perda da Verdade, de uma Lei e uma tradição que nos unificasse e tornasse idênticos pensamento e coisa, a concepção de memória ater-se-ia, na contemporaneidade, à dois destinos: ou seguiria a tarefa de rememorar e fazer retornar o passado, aproximando-se assim à nostalgia; ou, partindo do princípio que o passado se cria, a memória seguiria seu destino em uma articulação com a narrativa, participando de acontecimentos presentes. Acontecimentos estes corporais, olfativos, táteis, visuais, mas também luminosos, etéreos; tão verdadeiros quanto fictícios.

Para que esta narrativa não seja um delírio psicótico, assim como não o é a de Riobaldo, personagem principal de Guimarães Rosa, esta narrativa se torna “comum” quando se torna um meio pela qual a experiência pode ser vivida. Não sendo do estatuto do conhecimento, ao menos não de um conhecimento formal e educacional, essa narrativa pode ser instrumento do saber, mas não é sua condição. A narrativa, desta forma, se coloca como um discurso indireto, em que **a noção de indivíduo é suprimida**, e a experiência é quem descreve, nos traçados da narrativa: irrompe, atravessa, e a utiliza essa mesma narrativa para tornar-se sua condição. O mundo da experiência, portanto, se aproxima do que Walter Benjamin chamou de *conselho*. O narrador, diz o filósofo:

...é um homem capaz de dar conselhos, alguém capaz de fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. (BENJAMIN, W., 1987, p. 200)

Ou seja, é a capacidade da narrativa, vinda da experiência, continuar uma história. Sendo que, para Benjamin, isto não se define como conhecimento, mas como sabedoria:

um conselho, fiado no tecido da experiência vivida, é sabedoria. A arte de narrar aproxima-se de seu fim por extinguir-se o lado épico da verdade e da sabedoria. (BENJAMIN, W., 1987, p. 65)

Se a sabedoria encontra-se em declínio, não seria o retorno à experiência uma resposta nostálgica?

Vemos que, nesse sentido, Benjamin aponta para um paradoxo importante, que se tornou legado para a contemporaneidade: como, na época história do declínio da continuidade narrativa, ou o que chamou de sabedoria; no declínio de uma experiência comum (*Erfahrung*) e no império da chamada vivência individual (*Erlebnis*) será possível narrar, contar uma história, ou ouvir uma história? Que contar é colocado em fluxo em Grande Sertão, unindo a fala, a escrita e o pensamento em uma só experiência (como uma passagem, um rio) de memória?

Alerta-nos Benjamin, que onde há experiência, no sentido estrito do termo, a memória e certos conteúdos do passado individual e do coletivo estão em conjunção, fazendo com que as recordações voluntárias e involuntárias percam sua exclusividade recíproca (BENJAMIN, W. 1987, p. 32). A rememoração, então, no sentido de narrativa conectada à experiência, articula essas duas memórias: esse movimento involuntário, corrente, voluptuoso e intenso, com a memória voluntária, pedaços de passado que pouco ou nada conserva deste. Segundo Jean Marie Gagnebin, a filosofia da história benjaminiana insiste na dança entre dois componentes da memória; que submerge o que é individual no fluxo infinito da lembrança na mesma medida em que recolhe traços do passado e gera ruptura à serviço da atenção presente :

O conceito benjaminiano de *Eingedenken* (rememoração) me parece exprimir esta necessidade de recapitulação atenta sem a qual a *Erinnerung* (lembrança) segue o seu fluxo incansável, continua a desenrolar-se só para si mesma, não tem fim no duplo sentido da palavra: nunca cessa e não desemboca em nada além de seu próprio movimento. A filosofia da história de Benjamin insiste nestes dois componentes da memória: na dinâmica infinita de *Erinnerung*, que submerge a memória individual e restrita, mas também na concentração do *Eingedenken*, que interrompe o rio, que recolhe, num só instante, privilegiado, as migalhas dispersas do passado para oferecê-las à atenção do presente. (GAGNEBIN, J.M., 1999, p. 80)

Seguindo esta idéia, voltamos à narrativa rosiana, identificando então de que memória se trata em *Grande Sertão*. Uma memória articulada pela narrativa de um personagem, Riobaldo, que é também a memória do sertão e do mundo. A maneira que Guimarães Rosa cria léxicos, neologismos, e que consegue narrar o inenarrável dos encontros na escrita da fala viva, demonstra a capacidade estética em que estão relacionadas linguagem e memória, esta a serviço daquela e vice-versa. Nesse ínterim, abrem-se entre

as linhas uma possibilidade de conexão, por vezes um incômodo, por outras vezes um encanto: através da narrativa de Riobaldo, construídas nas ruínas de uma cultura baseada na tradição, para se constituir uma experiência contemporânea, baseada no encontro e re-encontro do homem com o mundo. Em Rosa, é possível ver um homem-Sertão, um Sertão-homem, rompendo com os limites destes, confundindo-os, enriquecendo-os.

Nas ruínas da experiência transmissível, através da narrativa de Riobaldo, Guimarães Rosa denuncia o declínio da experiência coletiva e anuncia sua recriação e sua possibilidade. A possibilidade de uma experiência contemporânea, por si só afirmada como mal-entendido, pretende equivocar, tomar a potência desruptiva da barbaridade moderna, tornando-se também bárbara, mas agora para destruir o estabelecido limitado de um passado dado, para construir outras histórias.

O Ouvinte Invisível: Experiência de Contar o Mundo

Em *Grande Sertão: Veredas*, apesar de Riobaldo ser um contador de histórias bem próximo do narrador de Benjamin (1985), em cuja narrativa são mesclados oralidade e escrita, o leitor procura debruçar-se nos acontecimentos da vida de um jagunço, mas não consegue. É arremessado constantemente *para fora* de si mesmo, do contrário não consegue compreender a leitura: arremesso que leva para longe também do próprio Riobaldo, sobrando apenas a longa viagem do seu contar. Ao falar de seu encontro com Reinaldo, Riobaldo fala do lembrar como um salto: como se nós saltássemos na experiência que excede o que nos ocorreu, e nos demonstra que o que vivenciamos é apenas uma encarnação, ou seja, uma forma, que a experiência enquanto afeto pode tomar:

Para que referir tudo no narrar, por menos e menor? Aquele encontro nosso se deu sem o razoável comum, sobrefalseado, como do que só em jornal e livro é que se lê. Mesmo o que estou contando, depois é que eu pude reunir relembrado e realmente entendido_ porque, enquanto coisa assim se ata, a gente sente mais é o que o corpo a próprio é: coração bem batendo. Do que o que: o real roda e põe adiante._ “Essas são as horas da gente. As outras, de todo o tempo, são as horas de todos”_ me explicou compadre meu Quelemém. Que fosse como sendo o trivial do viver feito uma água, dentro dela se esteja, e que tudo se ajunta e amortece_ só rara vez se consegue subir com a cabeça fora dela, feito um milagre: peixinho pediu. (ROSA, G., 1965, p.154)

Através de um Ouvinte Invisível, Guimarães Rosa coloca a narrativa em primeiro plano: o que há é um contar. A referência é flexionada à própria narrativa, referenciando a ela mesma, diferenciando a narrativa em questão de outros tipos de narrativa: tanto as narrativas que visam à transmissão de uma experiência coletiva, referenciada a valores externos, culturais, quanto àquelas que visam a transmissão de uma experiência individual, psicológica.

Um Doutor ouve apenas, esta é sua posição. Mas Riobaldo põe em relevância, todo o tempo, que ouvir põe em questão um operador que diferencia a narrativa, ou seja, o ouvir em *Grande Sertão: Veredas*, torna a narrativa sem referência pessoal. Vemos isto quando Riobaldo fala de Quelemém de Góis, o homem com quem ele se deu conta deste fato, sendo quem primeiro ouviu suas histórias. Um homem místico, podemos pensar, mas também podemos ver neste misticismo a magia de seu ouvir, de sua maneira de colocar a narração circunscrita em uma aura diferente, que a amplia: “Compadre Meu Quelemém é quem muito me consola” (op. cit, p.25). Seu ouvir é consolador, mas não porque dê opiniões na vida de Riobaldo, o que consola é uma espécie de presença. A posição de Quelemém não é a de um mestre. Da mesma forma, ao ler, percebemos a presença de uma companhia, pois Riobaldo se refere ao Dr, mas o ouvinte não é um personagem. Alteridade não-pessoal, esta posição “invisível” que o Dr ocupa no momento da narração e que já foi ocupada por Quelemém, coloca em ação a auto-referência narrativa, através da sabedoria de saber se colocar dentro do contar, de tornar-se invisível, de saber aprender: “Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende.”(op.cit, p.326) Ao ocupar esta posição invisível, o ouvinte opera a imersão de qualquer personalidade no texto, subsumindo narrador e ouvinte para tornar visível apenas a narrativa. Quelemém não julga, não decide entre uma coisa e outra, não ensina, não dá respostas. Ele não é atento apenas ao *que* é narrado ou à coerência, ou à verossimilhança, pois não se incomoda com as contradições. Sua posição é também a de um ouvinte invisível, porque envolve o narrador em uma aura de compreensão que é primeira em relação ao contar, que guia e alimenta o fluxo do contar do narrador. Sua forma de ouvir á atenta aos afetos, e não à história enquanto coerência; ele não houve apenas ao conteúdo das histórias, mas o que passa através do conteúdo, o que o excede. Quelemém consola porque *espera*, mas não o fim da história, para dar sentido a ela. Ele espera a história passar_ espera a passagem das histórias; não diferenciando o contar da dor. A dor é também narrativa, ela está presente na narrativa, imanente à ela.

Compadre meu Quelemém me hospedou, deixou eu contar minha história inteira. Como vi que ele me olhava com aquela enorme paciência-calma de que minha dor passasse; e que podia esperar muito longo tempo. [...] Mas, por fim, tomei coragem, e tudo perguntei: — O sr

acha que a minha alma vendi, pactário?! Então ele sorriu, o pronto sincero, e me vale me respondeu: — Tem cisma não. Pensa para diante. Comprar ou vender, às vezes, são as ações que são as quase iguais...(op. cit., p.392)

Os conselhos de Quelemén não servem para fazer saber algo: eles se referem à sabedoria de viver. Os conselhos completam a história, fazendo-nos lembrar do que significa o termo “conselho” para W. Benjamin (1987). Mas, embora esta definição destaque a inserção do narrador e do ouvinte em um fluxo narrativo comum e vivo, esta comunidade entre ambos é fruto da transmissão de uma tradição cultural, uma obra da história de um povo. Walter Benjamin (1987) descreve a perda da *transmissão* de uma experiência, portanto ele se refere à transmissão da experiência enquanto saber. Ao contrário, o que vemos em Grande Sertão é a ultrapassagem da questão da transmissão. Deste modo, a noção de experiência envolto neste campo de compreensão pura, diferente da primeira, não se dá em um nível interpessoal, como um diálogo em que uma pessoa comunica a outra, ou sente afeto por outra; ele não é fruto de uma atividade. A compreensão se dá em um nível afetivo, pré-individual¹, mas em que a experiência “passa através” de ambos, e não é transmitida de um para outro. Além disso, apesar de Riobaldo querer respostas, querer uma definição entre Bem e Mal, comprar ou vender, Quelemém mostra que a vida ultrapassa as ações e as intenções. Pois não são as ações do homem que movem a vida; a vida não parte do humano, mas o atravessa. No dizer de Riobaldo: “Ações? O que eu vi, sempre, é que toda ação principia mesmo é por outra palavra pensada. Palavra pensante, dada ou guardada, que vai rompendo rumo.” (op. cit., p.194)

Deste modo, as ações são parte do movimento da vida enquanto “palavra pensada”, são a vida enquanto pensamento tornando-se movimento, fluxo narrativo. Mas as palavras não são pensadas enquanto representações, pois elas advêm da experiência. Ao invés disso, as palavras são a encarnação desta experiência, em seu destino sempre de “romper rumos”, criar veredas. Esta experiência se encarna nas ações por parte de seu movimento de mudança e, se o mundo das ações e da experiência se fundem no movimento de criação da vida, ela nos atravessa, ao invés de partir de nós. As mudanças que o avanço do tempo provoca nos afeta e provoca mudanças em nós.

Riobaldo se diz um “ignorante”, ele não pretende dizer “como” as pessoas devem viver, não pretende dar respostas. Riobaldo conta, não o acontecido, mas o que adjaz: a “**sobre-coisa**”, ou a “**outra-coisa**”, de todo o caso inteirado em si”. (op. cit., p.214). E o que adjaz não pode ser transmitido, por não ser uma coisa. O adjacente ao acontecido é além da

coisa; como então, dizer desta “sobre coisa”? Riobaldo se pergunta se é possível contar para o Doutor “o sentir em seu (de Riobaldo) estado”(idem): não lhe parece possível que o Doutor veja a mesma coisa que Riobaldo, que não conheceu Diadorim, nem a guerra. Não é na linguagem em si que Riobaldo confia, em seu poder descritivo e denominativo, mas nas entrelinhas do seu contar: em algo que ele pode revelar *através*, para imergir o Doutor em um sentir que não é dele nem de Riobaldo, mas um sentir infinitivo. Riobaldo, portanto, conta o que verte do acontecimento. Desta forma, o que é visado não é conteúdo da história, mas o que verte dela: “E estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a **matéria vertente.**” (op. cit., p.116)

Se o que verte da narrativa não pode ser transmitido quando uma história é contada, em GSV, a questão da transmissibilidade é deslocada ao pensamos que, ao contar, Riobaldo não espera que o ouvinte conserve na memória os acontecimentos. O que verte da narrativa não pode ser aprendido, não pode ser rememorado, pois é da ordem dos afetos. Por isso só pode ser compartilhado afetivamente.

No contar de Riobaldo, não é sua vida de sertanejo que importa; mas a vida, ao sertanejar. *Através* de uma história, de um Riobaldo, acompanhamos a forma que a vida em geral se particularizou, ou seja, como a vida mudou, vertendo, com sua mudança, uma mudança naquele que a acompanha. Por isso dizemos que, em *Grande Sertão*, Riobaldo é um conjunto de memórias vivas, de formas, de imagens, de sons, que vão tomando o contorno de sua experiência que se particulariza e se torna narrativa à medida que se abre, que desvela o fundo da fonte da experiência em que bebeu. O afeto de Riobaldo advém do mergulho no sertão da experiência comum, no viver; por isso suas histórias remetem à este sertão em geral, comum, para que todos possamos acessar, e não ao sertão que Riobaldo sentiu — ao sertão vislumbrado, não ao sertão visto.

A narrativa faz-se primeira e surge da comunidade da experiência, fazendo com que se ela vire do avesso, revelando e fazendo vibrar sua parte mais viva, mais sensível e plástica. A narrativa de Rosa, então, se constitui como um plano de criação, caleidoscópico, de invenção de mundos que se abrem e se dividem em mundos ao infinito. Por isso uma história remete sempre a outras histórias, infinitamente.

Riobaldo não instrui o Doutor, assim como o leitor não aprende com GSV. O outro não é “o outro lado da margem” ; não há margens. Apenas um rio que passa, a terceira margem da experiência que não é nem de um nem de outro (ROSA, G., 1988, p. 10). De que serve o contar de Riobaldo?, ele pergunta. Ele não “serve”, de nenhum ponto de vista prático. Em *Grande Sertão*, não visamos conhecer seus personagens, assim como o Doutor não visa conhecer Riobaldo. O Sertão não é cognoscível. Rosa mostra como o

sertão sai de “estranhos buracos”: ele não é uma coisa. Ele é além do Sertão, no sertão mesmo. A alteridade, portanto, não é representada por um sujeito, como o outro de um diálogo, mas está imersa nele, em seus próprios buracos; buracos que se abrem do interior da narrativa, revelando outras narrativas a partir de seu movimento de diferenciação.

O senhor nonada conhece de mim; sabe o muito ou o pouco? O Urucua é ázigo... Vida vencida de um, caminhos todos para trás, é história que instrui vida do senhor, algum? O senhor enche uma caderneta... O senhor vê aonde é o sertão? Beira dele, meio dele?...Tudo sai é mesmo de escuros buracos, tirante o que vem do céu. Eu sei. (op. cit., p.611)

A alteridade se constitui no interior da própria narrativa. A narrativa de *Grande Sertão* produz um processo intrínseco de diferenciação, possibilitado pela imersão em uma experiência comum que faz a produção narrativa ser muito mais do que um diálogo, ou um monólogo, ela é produção de *outros em outros*, em si mesma. Há nela algo como um prazer de contar, partilhado, que vêm da sensação de infinitude; do mergulho em algo infundável e mobilizante. Esta sensação de infinitude é proporcionada pela experiência em si mesma, e não se refere a uma profundidade do interior de um sujeito. Por isso o contar torna-se infinito: são pequenas veredas tomadas no Grande Sertão da experiência; mas a experiência mesma se furta a estas particularidades. O sertão é sempre além de suas histórias. Riobaldo diz :

Falo do Sertão. Do que não sei. Um grande Sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas — e só essas poucas veredas, veredazinhas. (op. cit., p.116)

O sertão é imenso, e a incapacidade de descrevê-lo é devida a esta imensidão, à infinitude de veredas que ele proporciona. Esta é sua riqueza, seu milagre: o sertão, assim como a experiência posta em questão quando Riobaldo lembra, produz veredas, caminhos narrativos de experiência e criação. Afinal, o sertão é “onde o pensamento se forma mais forte que o poder do lugar” (op. cit., p.41) o sertão é o “além do lugar”; assim como a experiência, é muito além das formas de contar que ela faz surgir. O sertão só pode ser vislumbrado; dele, “só se sabe por alto”(op. cit., p.548).

Desta forma, não cabe perguntar, em Grande Sertão: Veredas, o que conhecemos a partir do outro: seja o outro Doutor, o outro Riobaldo, o outro Guimarães Rosa. Ora, se o outro é um mundo, uma janela, não há eu-outro como dois indivíduos separados, mas um mundo que passa *através* de outro. Não é o saber sobre uma vida, sua história, que nos faz conhecê-la; antes, é o que experimentamos a partir desta história, o que nos atravessa. É a percepção da alteridade enquanto intrínseca à vida em geral, não apenas ao

que está dentro/fora de nós. O que inclui narrador e ouvinte na narrativa é a esfera da experiência que os alcança enquanto compreensão, compartilhamento; não a compreensão de algo, mas a compreensão pura e simples, na qual saltamos a fim de imergir na história. Assim, o leitor segue as histórias a partir da imersão em um mundo que passa através de Riobaldo, como se ele fosse uma janela, ou uma lente, que dá a ver.

NOTAS

¹ Este termo é retirado da obra de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997), e sua utilização convém por ser referência ao que é chamado neste artigo de “plano da experiência”. Os autores se referem à pré-individualidade da experiência porque esta não provém dos sujeitos, ela é primeira em relação à subjetividade. Sobre esta questão, ver também dissertação de Emílio Carlos Herrera Terron Filho, “O Sertão maior que o mundo”, PUC-SP, 2002.

Referências

BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____ . **Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas**. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 190-221.

_____. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: ADORNO et al. **Teoria da Cultura de massa**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 221-254.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia II . vol. 4**.

2. ed. São Paulo: Ed. 34, 1997. p. 39-41

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, História, Testemunho. In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia. **Memória e (Re)ssentimento: indagações sobre uma questão sensível**. 1.ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2001. p. 85-93.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 3. ed. Rio de Janeiro : José Olympio Editora , 1965. p. 100- 429

_____. A Terceira Margem do Rio. In: _____. **Primeiras Histórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. p. 32.

Para citar este artigo

DIAS, Renata Codeço. Enveredando: experiência e memória através do contar do Grande Sertão. **Macabéa - Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 1., n. 1., Jun. 2012, p. 121-132.

132

A Autora

Renata Codeço Dias possui graduação em psicologia pela Universidade Federal Fluminense (2003) e mestrado em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (2005). cursou o doutorado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro(2007). Tem experiência na área de Psicologia Clínica, com ênfase em Estudos da Subjetividade, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura e clínica - psicoterapias - psicanálise e desenvolvimento infantil.